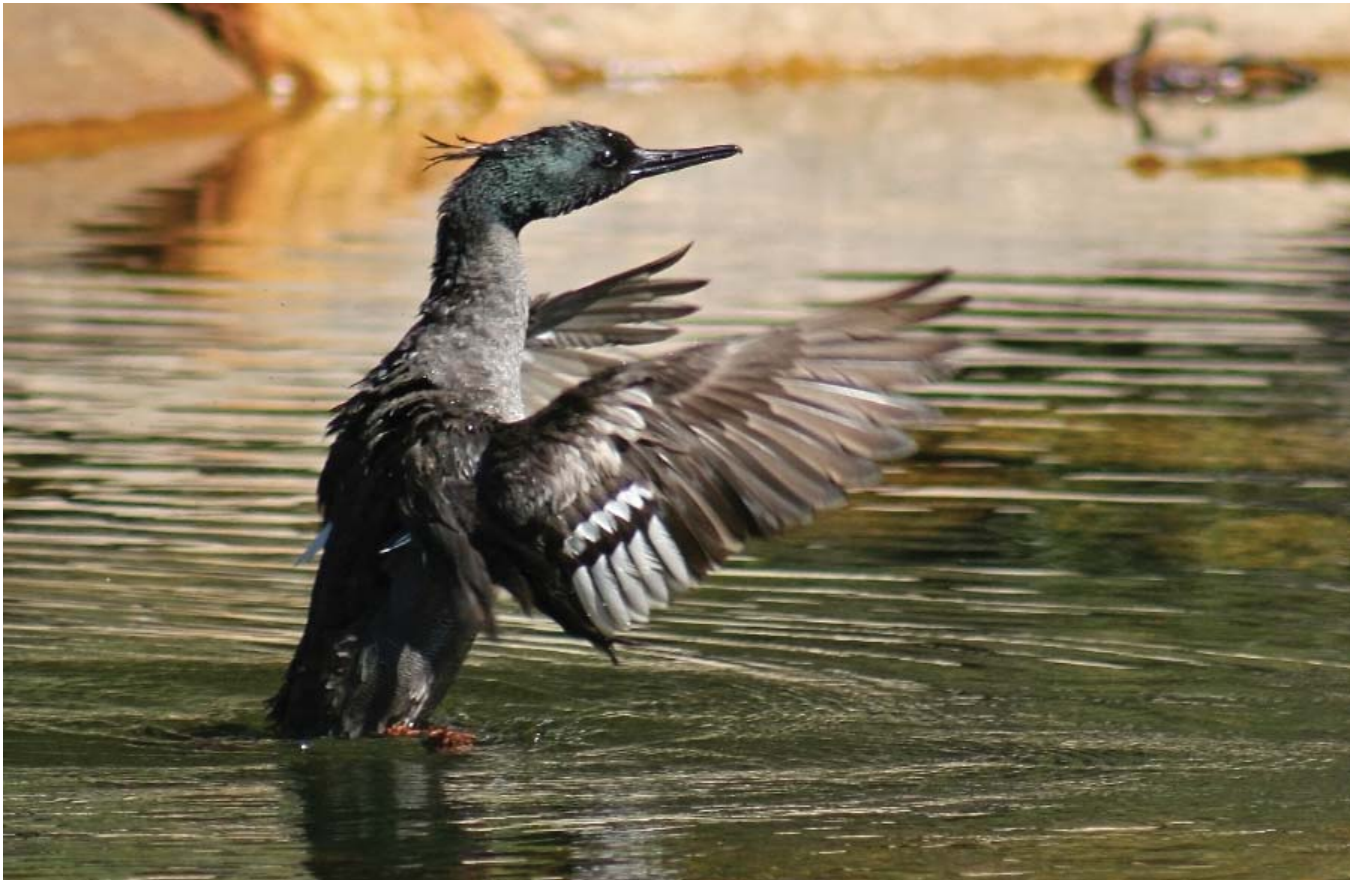


Mundo das Aves

O pato mais ameaçado das Américas

O Pato-Mergulhão é a espécie de pato mais ameaçada de extinção nas Américas e uma das aves mais raras de todo o mundo. Já foi até considerado extinto por alguns pesquisadores. Essa ave discreta e arredia vivia em rios encachoeirados e de água muito limpa, nas áreas altas do centro-oeste, sudeste e sul do Brasil, além de na Argentina e Paraguai. Hoje, os poucos exemplares restantes sobrevivem em áreas reduzidas de Minas Gerais, Bahia, Goiás e Tocantins



Sávio Freire Bruno

Pato-Mergulhão: apreciador de rios com água limpa

Por LUÍS FÁBIO SILVEIRA

O Pato-Mergulhão (*Mergus octosetaceus*) é uma das aves mais singulares de toda a América do Sul. Embora a sua plumagem seja pouco chamativa, não despertando muito interesse do observador (e nem de traficantes de aves silvestres), essa espécie é uma representante única na região tropical e possui uma série de particularidades interessantes.

Topete único

A primeira delas, e que dá origem ao nome específico, está relacionada ao topete. O naturalista francês Vieillot, em 1817, deu o nome de octosetaceus à espécie em função da presença de penas (oito) muito finas no topete (octosetaceus = oito setas). Esse to-

pete fica muito menor nas fêmeas e se desgasta durante a cópula, quando o macho sobe no dorso dela e a prende, segurando-a pelo topete.

“Dentes” no bico

Outra característica singular desse pato está na morfologia do seu bico – ao contrário dos demais patos, o Pato-Mergulhão possui a face lateral do bico repleta de pequenas expansões que lembram pequenos dentes cônicos. Esses “dentes” são habilmente utilizados para capturar pequenos peixes e outros animais dos quais ele se alimenta. Pois é, o Pato-Mergulhão faz parte de um grupo de espécies (todas no gênero *Mergus*) que se alimenta de peixes e outros animais, ao contrário dos demais patos, que consomem basicamente material de origem vegetal.

Especialista em hábitat

Além disso, temos no Pato-Mergulhão um dos exemplos mais bem-acabados do que chamamos de um “especialista de hábitat”, ou seja, uma espécie que só ocorre em áreas que apresentam condições muito especiais. No caso, o Pato-Mergulhão gosta de rios muito limpos e encachoeirados e que geralmente estão nas áreas de planalto ou de serras. A água cristalina permite a ele observar onde está a sua comida. E os rios, preferencialmente, devem estar circundados por uma mata ciliar de bom porte, pois o Pato-Mergulhão apresenta outra característica interessante: só nidifica em cavidades (sejam elas ocos ou galerias nos barrancos ou entre as fendas das pedras) abertas naturalmente ou por outros animais.

Por ser uma ave que exige um hábitat tão



Sávio Freire Bruno

Topete único: oito penas longas e finas

específico, é de esperar que o Pato-Mergulhão possua uma distribuição muito restrita. E, de fato, são poucas as localidades onde historicamente essa espécie ocorreu no passado. Essas poucas áreas distribuíam-se na Mata Atlântica de Santa Catarina (duas localidades), Paraná (três), São Paulo (uma), Minas Gerais (três), Rio de Janeiro (uma), Paraguai (duas) e Argentina (cerca de dez). Além disso, o Pato-Mergulhão também ocorre no Cerrado Brasileiro, nos Estados de Goiás (sete), Bahia (seis) e Tocantins (duas localidades). Entretanto, a destruição do seu habitat e a degradação da qualidade dos rios, seja pela poluição, mineração ou pela construção de hidroelétricas que modificam o curso dos rios, alteram a velocidade, a qualidade e a transparência da água fizeram com que o Pato-Mergulhão só seja encontrado regularmente hoje em Minas Gerais (em duas localidades), na Bahia (duas), Goiás (uma) e Tocantins (duas).

Difícil de ver

A brutal redução do habitat fez com que o Pato-Mergulhão fosse considerado, já nas primeiras décadas do século passado, como uma das aves mais raras e difíceis de encontrar na região Neotropical, sendo até mesmo dado como extinto durante as décadas de 1940-1950.

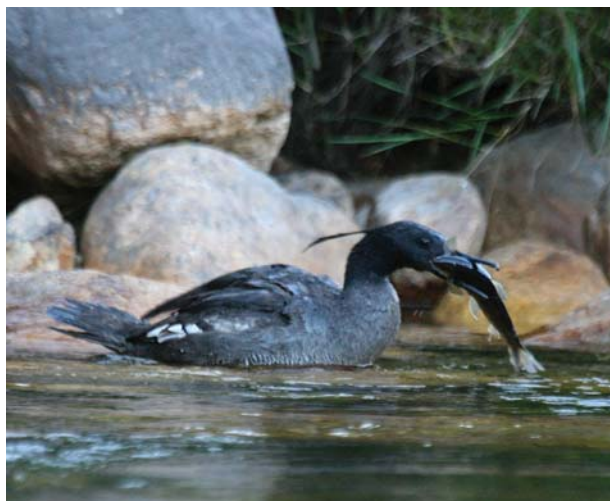
Até poucos anos atrás, quase nada se sabia sobre o Pato-Mergulhão, seus hábitos e o que deveria ser feito para preservar as suas populações. A situação só começou a mudar a partir da década de 1990 quando uma pe-

quena população foi descoberta na região do Parque Nacional da Serra da Canastra, em Minas Gerais. Essa população tem sido cuidadosamente monitorada desde então. Como programas de estudos de longo prazo, no Brasil, são tão raros quanto o Pato-Mergulhão, muito do que sabemos sobre a espécie deriva desses estudos feitos na Serra da Canastra.

Infelizmente, o Pato-Mergulhão está extinto em mais de 90% da área da sua distribuição original. Não é mais visto há décadas, por exemplo, nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina. No Paraguai e na Argentina, só raras observações de aves isoladas. As maiores populações mineiras, de Tocantins e de Goiás estão dentro de Unidades de Conservação mas, somando-se as aves nesses locais, não passam de 300 indivíduos. Ou seja, o Pato-Mergulhão está à beira da extinção.

Plano de ação

O que fazer para conservá-lo? Obviamente estudos sobre a sua biologia são essenciais e os dados coletados por vários pesquisadores na Serra da Canastra já respondem bem boa parte das nossas perguntas. Mas hoje, além das ameaças locais em cada uma das áreas onde ele ainda ocorre (poluição, construção de barragens, degradação da mata ciliar, etc.), há também uma enorme lacuna de novos territórios nos rios próximos às unidades de conservação para serem ocupados pelos exemplares jovens tão logo eles abandonam os pais. Uma solução



Sávio Freire Bruno

Alimento: peixes e outros animais em vez de vegetais

Rafael Bessa

“Dentes” no bico: capturar o alimento fica mais fácil

possível para tentar aumentar a população seria a de se criar uma população em cativeiro para, no futuro, reintroduzir o Pato em áreas onde ele ocorreu e onde as causas do seu desaparecimento já tenham sido devidamente neutralizadas.

Ainda existem áreas bem conservadas (e atualmente sem patos!) na província argentina de Misiones e em algumas localidades no Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina. Continuar a proteger as poucas áreas onde o Pato ainda ocorre e aumentar a população por meio da criação em cativeiro são estratégias que precisam ser apoiadas para que a sombria previsão das décadas de 1940 e 1950 não se converta em verdade.



Luis Fábio Silveira é professor do Departamento de Zoologia da Universidade de São Paulo, com doutorado em Ciências Biológicas (Zoologia); curador associado das coleções ornitológicas Museu de Zoologia da USP; editor-chefe da Revista Brasileira de Ornitologia; membro do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO); pesquisador associado da World Pheasant Association (UK); autor de oito livros sobre aves e de dezenas de artigos científicos publicados.



Sávio Freire Bruno

Fêmea: topete diminui durante a cópula